26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS, A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E OS JOGOS DE LINGUAGEM NO CÁRCERE

THE REINTERPRETATION OF WORDS, THE REPRESENTATION OF KNOWLEDGE, AND LANGUAGE GAMES IN PRISON

Amabile Costa – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Rodrigo de Sales – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A investigação da linguagem no âmbito desta pesquisa se faz a partir dos usos dos jogos de linguagem e das palavras no contexto diário das prisões, levando em consideração quem faz parte desta comunicação, quais são as peculiaridades da linguagem carcerária, como estas estão organizadas e como são percebidas diante de cada acontecimento. A amostra do presente estudo é a Penitenciária Masculina de Florianópolis, localizada em Santa Catarina. O objetivo geral compreende investigar, com base no vocabulário utilizado dentro das prisões, as dinâmicas de sociabilidade no contexto carcerário. No que concerne aos procedimentos metodológicos, a pesquisa está caracterizada como descritiva, bibliográfica, exploratória e qualitativa, tendo aspectos etnográficos como o método observacional e entrevistas, com roteiro de entrevista semiestruturada, contendo cinco perguntas abertas como instrumento de coleta dos dados, e sua análise a partir da teoria da triangulação. No total, 26 entrevistas foram realizadas e mais de 400 termos recuperados. A partir das análises e conjecturas sobre o uso da linguagem carcerária, entende-se que os jogos de linguagem estão presentes nos espaços de privação de liberdade, contextualizados por um uso ostensivo e coletivo, representando formas de vidas partilhadas pelas pessoas privadas de liberdade, semelhanças dos termos por familiaridade e regras estabelecidas.
Palavras-chave: linguagem carcerária; jogos de linguagem; organização do conhecimento.

Abstract: The investigation of language within the scope of this research is conducted based on the use of language games and words in the daily context of prisons, considering who participates in this communication, the peculiarities of prison language, how it is organized, and how it is perceived in each event. The setting for this study is the Men's Penitentiary of Florianópolis, located in Santa Catarina, Brazil. In this regard, the subjects of the research are individuals deprived of freedom, and the object of study is the language used within the prison. The general objective is to investigate, based on the vocabulary used in prisons, the

dynamics of sociability. Regarding the methodological procedures, the research is characterized as descriptive, bibliographical, exploratory, and qualitative, employing ethnographic aspects such as observational methods and interviews, with a semi-structured interview script containing five open-ended questions as the data collection instrument. A total of 26 interviews were conducted, and more than 400 terms were collected. Based on the analyses and conjectures about the use of prison language, it is understood that language games are present in spaces of deprivation of liberty, contextualized by an extensive and collective use representing shared forms of life within the prison, similarities of terms through familiarity, and established rules.
Keywords: prison language; language Game; knowledge organization.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta perspectivas sobre a construção do uso da linguagem sob a concepção dos modos de vida, racionalidades comunicativas, emancipação e resistência. Ou seja, a partir da linguagem, o enfoque está no uso dos termos, que estão presentes nas formas de vida, compartilhados dentro da Penitenciária Masculina de Florianópolis. Tem como objetivo geral investigar, com base no vocabulário utilizado dentro das prisões, as dinâmicas de sociabilidade no contexto carcerário.

O arcabouço teórico respalda-se nas concepções expostas por Ludwig Wittgenstein (1975) em sua obra intitulada “Investigações Filosóficas”. Nesta segunda fase de sua filosofia, com base nos jogos de linguagem, o autor defende que a linguagem está em constante alteração, visto que está fundamentada no contexto histórico e cultural em que a pessoa vive, apresentando múltiplos usos (Wittgenstein, 1975), logo, a palavra pode ter mais de um significado, mais de uma forma de comunicar.

Para Wittgenstein (1975), representar uma linguagem simboliza representar uma forma de vida. Desse modo, a linguagem carcerária demonstra a rotina dos estabelecimentos prisionais, a comunicação dos sujeitos, as definições de legislações informais, “códigos, repertórios linguísticos, comportamentos, práticas culturais e formações de grupos” (Oliveira, 2013, p. 18); caracteriza as formas de ser, estar e agir no cotidiano.

O repertório aqui estudado está definido como os recursos linguísticos obtidos ao longo da vida em privação de liberdade e utilizados no cotidiano da prisão, nas relações comunicativas e nas formas de resistência. Os jogos de linguagem estão presentes nesta pesquisa com o intuito de reconhecimento da força comunicativa das prisões, construídas a partir dessa linguagem carcerária. É o reconhecimento do potencial criativo, dinâmico e estruturante das formas de

vida que a linguagem representa dentro da amostra[1] dessa pesquisa, de um determinado grupo, num determinado espaço de tempo, numa determinada ambiência e gênero.

A linguagem carcerária, assim como toda linguagem, está em incessante desenvolvimento. Em vista disso, para sua compreensão é preciso interpretar as ambiências em que estão inseridas. A linguagem "está intrinsecamente no liame das relações de sociabilidade, no exercício do poder e em todas as dimensões e ambientes em que o homem está inserido" (Oliveira, 2013, p. 19).

O termo "linguagem carcerária" refere-se à linguagem utilizada, majoritariamente, pelas pessoas privadas de liberdade. A afirmação advém das 26 entrevistas realizadas por mim com as pessoas privadas de liberdade, localizadas na Penitenciária Masculina de Florianópolis, no segundo semestre de 2021, com o intuito de coletar os dados para esta pesquisa.

Entende-se para esta pesquisa que significado e ressignificado envolve a relação entre o uso da linguagem e o significado que as palavras possuem para os objetos ao nosso redor. Quando mencionado o termo significado, referindo-se aos termos da linguagem carcerária, envolve tudo aquilo que é novo, foi criado para determinada utilização. Já o termo ressignificado, abrange aquilo que já existia e que para utilização dentro do contexto da prisão conta com um novo significado.

A respeito da organização do conhecimento, compreende-se aqui como uma organização dos conceitos que são "enunciados essenciais e verdadeiros a respeito de algum objeto referente à sua síntese formalizada por alguma designação (codificada ou verbal)" (Sales; Murguia, 2015, p. 6).

Ante o exposto, esta pesquisa procura compreender de que maneira a linguagem carcerária orienta as dinâmicas de sociabilidade dentro da Penitenciária Masculina de Florianópolis.

Alinhado a esta questão, delimitou-se como objetivo geral da pesquisa: Investigar, com base no vocabulário utilizado dentro das prisões, as dinâmicas de sociabilidade no contexto carcerário. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) compreender a perspectiva do uso a partir dos jogos de linguagem de Ludwig Wittgenstein como abordagem teórica e b) contextualizar o uso dos termos coletados na Penitenciária Masculina de Florianópolis.

[1] Nesta pesquisa, entende-se a amostra como Penitenciária Masculina de Florianópolis.

A organização do conhecimento, a partir de seus estudos científicos está vinculada a abordagens referentes ao tratamento temático da informação, tais como, catalogação, classificação, indexação, em mecanismos de criação e aplicação de sistemas de organização do conhecimento (Sales; Murguia, 2015).

No entanto, esta pesquisa foge do tradicional, e seu vínculo com a organização do conhecimento remete aos "atores sociais e suas ações de comunicação/informação, colocando-se em um novo escopo a questão da significação" (González de Gómez, 1993, p. 6).

González de Gómez (1993, p. 6) afirma que estudos da linguagem, retomados a partir da perspectiva dos jogos de linguagem de Wittgenstein, "incorporam novos horizontes para a problematização da representação do conhecimento".

Nesta pesquisa, refletimos a organização do conhecimento

> Enquanto um domínio autônomo que se preocupa com o desenvolvimento de meios de se organizar conceitos às mais variadas áreas e para as mais variadas finalidades [...], adotamos o rumo da experimentação teórica a fim de abrir brechas nas sedimentadas estruturas deste domínio tão adepto às sistematizações (Sales, 2021, p. 13).

Portanto, uma abordagem alternativa na organização do conhecimento envolve aspectos do conhecimento em movimento, agenciando componentes diversos da vida real que geram incertezas, devires e linhas de fuga (Sales, 2021). Vale destacar que uma abordagem alternativa na organização do conhecimento, como a utilizada neste trabalho, não anula, não diminui e, sequer, não rivaliza necessariamente com as abordagens tradicionais consolidadas na área, apenas amplifica os horizontes para se pensar e repensar a própria área. [...] "trata-se de abrir brechas, criar possibilidades, desestabilizar para buscar o novo, criar meios para o não experimentado existir" (Sales, 2021, p. 34), ampliando os vieses de pesquisa e aplicação desta disciplina.

Diante disso, esta pesquisa aponta perspectivas e interpretações direcionadas às populações colocadas à margem da sociedade — nesse caso, a população privada de liberdade — silenciadas pelas lógicas sociais do capitalismo e advém da tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC).

2 CONCEPÇÕES SOBRE JOGOS DE LINGUAGEM E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Compreende-se a linguagem como um "lugar de conflito, de confronto ideológico, em que a significação se apresenta em toda sua complexidade" (Oliveira, 2013, p. 38). Os processos linguísticos estão vinculados aos processos históricos, sociais e culturais presentes na sociedade e nas ações humanas, portanto, é considerada uma prática social.

A linguagem sofre variações independentemente do grupo em que está inserida. Martelotta (2018) apresenta quatro variações: a variação regional, associada à distância regional de cada grupo social, influenciando, assim, nos significados das palavras e, também, suas pronúncias; a variação social, ligada às diferenças socioeconômicas dos grupos; a variação de registros e falas, influenciada pelo grau de formalidade de cada contexto; e as variações lexicais e gramaticais.

Diante do exposto, entende-se que a prisão é espaço de "múltiplos sentidos e representações sociais [...], reorganizando significados que podem proporcionar um novo pensar" (Oliveira, 2013, p. 122) e novas ações como "análise e interpretação das formas de ser, estar, agir, se comportar" (Adorno, 1991, p. 12) nestas instituições, sendo a linguagem manifestada por meio de gestos, expressões corporais, greves, barulhos e silêncios.

A comunicação nas prisões é realizada para expressar seu cotidiano e estruturada em um contexto baseado no uso e ressignificação dos termos, criados pelos detentos para descrever os acontecimentos (Goffman, 2015). Ressalta-se que a cada momento, em cada estabelecimento ou em cada região, a linguagem é alterada para adaptação a sua realidade, compreensão, interpretação e organização de mundos, contemplando as variações mencionadas anteriormente.

A linguagem carcerária apresenta aspectos sobre o cotidiano das prisões, em diversos pontos de vista, tais como: os procedimentos de segurança, as disciplinas, os projetos desenvolvidos, a organicidade da instituição, bem como as histórias de vida das pessoas condenadas (Oliveira, 2013).

A linguagem materializa os pensamentos e com isso permite a comunicação entre as pessoas. Diante disso, a compreensão de um determinado assunto diz respeito ao conhecimento adquirido ao longo de uma trajetória, seja ela pessoal, profissional e/ou acadêmica (Grayling, 2002).

Para Wittgenstein (1975), a linguagem não é estática e uniforme, ela conta com diversas ações diferentes presentes no cotidiano das pessoas, como, por exemplo: descrever, relatar, negar, fazer perguntas, contar histórias, traduzir, agradecer, expressar. Portanto, os jogos de linguagem envolvem a ligação entre a compreensão, o significado e o uso dos termos em um determinado contexto.

Wittgenstein (1975, p. 16) aponta no §7 que "[...] todo o processo do uso das palavras é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de 'jogos de linguagem', e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem".

Além disso, o autor menciona que "poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense nos vários usos das palavras ao se brincar de roda" (Wittgenstein, 1975, p. 16).

No §203, Wittgenstein (1975, p. 92) relata que "a linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está". Ou seja, as perspectivas relacionadas à linguagem vão para além das questões gramaticais nos contextos em que estão inseridas, reflete [...] "sua interpretação dos diversos universos de discurso que participa" (Gracioso, 2008, p. 111).

Nos jogos de linguagem, as regras são estabelecidas durante as dinâmicas dos jogos, compartilhadas e, posteriormente, colocadas em prática de uma forma inconsciente, visto sua utilização rotineira. Essas regras expressam uma ordem, seja por meio de leis, normas, instruções e comportamentos de como se portar em um determinado contexto. Assim sendo, entender o significado de uma palavra significa dominar as regras para seu uso. Com isso, as pessoas são ensinadas a agir e reagir às mais diversas situações.

A multiplicidade da língua, da lógica da linguagem e dos seus significados, proporciona inúmeros jogos de linguagem. É preciso analisar o propósito das palavras naquele contexto, cotidiano e comunidade, e, em seguida, compreender as regras dos jogos de linguagem, e assim, aprender a jogar (Wittgenstein, 1975).

Dessa forma, o que constitui as regras são o uso coletivo delas, sua prática geral determinada pela comunidade em que as palavras estão inseridas, seus costumes e seu treinamento. Para compreender e seguir as regras, é necessário relembrar os aspectos familiares entre os diferentes tipos de comportamento (Wittgenstein, 1975).

O autor afirma que "[..] a regra, uma vez selada com uma significação determinada, traça a linha a ser seguida por todo o espaço [...] quando sigo a regra não escolho. Sigo a regra cegamente" (Wittgenstein, 1975, p. 95). Ou seja, seguir as regras é uma prática social e, assim, as pessoas são treinadas em uma comunidade linguística.

Em uma perspectiva voltada para a Organização do Conhecimento, González de Gómez (2000) afirma que os objetos de estudos da Ciência da Informação são ações de informação, que seriam resultado da articulação de vários estratos imersos na vida social, dentre eles a linguagem, os próprios sistemas sociais, os sujeitos e as organizações.

A Organização do Conhecimento (OC) busca adequar as diversas práticas e atividades sociais para o acesso ao conhecimento e pretende operar como instrumento de tratamento da informação e gestão de uso da informação. A OC se relaciona com aportes teóricos e metodológicos multidisciplinares de áreas como a Linguística, Documentação, Informática, Filosofia, História da Ciência e Ciências Cognitivas (Barité, 2001).

As perspectivas relacionadas à Organização do Conhecimento que versam neste trabalho perpassam as teorias tradicionais mencionadas nesses longos anos de pesquisa sobre a OC e, para além disso, abarcam também aspectos sobre a "arte de organizar com vistas à democratização e inclusão" (Sales, 2021, p. 16).

No caso desta pesquisa, rompem-se os padrões habituais dos escopos das pesquisas publicadas até o presente, apresentando panoramas de uma comunidade que está à margem da sociedade, tanto do ponto de vista social e quanto intelectual.

A OC "é estruturada em duas ações: organizar e representar, as quais já aparecem, aliás, em sua denominação e que orbitam um objeto: o conhecimento" (Moreira, 2018, p. 23). Para Barité (2001), o conhecimento é um produto, uma necessidade e uma dinâmica social. O conhecimento é o registro social de tudo aquilo que a sociedade compreende acerca da natureza e de si mesmo, formando então os sistemas sociais.

Os sistemas sociais são organizados e funcionam em torno da informação e do conhecimento, contribuindo para a formação de regras e decisões diárias condicionantes a novas descobertas e aplicações. O conhecimento é um sistema aberto, visto que pode ser estudado por diversos pontos de vista, tais como: como se adquire, como se organiza, como se transmite, como se utiliza, quantos tipos de conhecimento existem, como se transforma (Barité, 2001).

Além disso, o conhecimento deve ser organizado para melhor aproveitamento individual e social em todos os níveis de comunicação, permitindo um entendimento e divulgação dentro dos mais diversos estratos sociais e culturais (Barité, 2001).

Diante disso, a organização do conhecimento é realizada a partir das formas de representação do conhecimento (Brascher; Café, 2008). Moreira (2018, p. 29) relata que a representação do conhecimento está constituída "numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo, os quais [...] permitem descrever e fornecer explicações sobre fenômenos que observamos".

Melo (2010, p. 181) ressalta que a representação do conhecimento "reflete um modelo de abstração do mundo real, construído para determinada finalidade". As formas de representação do conhecimento advêm de recortes da realidade ou de mundos possíveis.

A organização do conhecimento [...] "está em estreita conexão com a categorização linguística, na medida em que a estruturação do léxico de uma língua na mente do falante reflete e é condicionada pela sua leitura de mundo" (Melo, 2010, p. 181).

A representação desses mundos nesta pesquisa, acontece a partir dos jogos de linguagem propostos por Wittgenstein (1975), visto que "é possível identificar o contexto e o mundo em que o termo está inserido e sendo utilizado" (Costa; Sales, 2024, p. 12).

Costa e Sales (2024, p. 16) afirmam ainda que "os modelos de mundo representados dentro das prisões se manifestam por meio de uma linguagem ressignificada, que é jogada pelas pessoas presas, com base na própria realidade observada". Diante disso, a linguagem carcerária representa um recorte da realidade vivenciada pelas pessoas presas e a veracidade de seus mundos, tendo, assim, relações diretas com a organização e representação do conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa está caracterizada da seguinte forma: hipotético-dedutiva, método observacional, descritiva, bibliográfica, exploratória, qualitativa e, utilizando o método da triangulação para análise de dados.

Portanto, para esta investigação, o estudo de caso se volta à compreensão de fenômenos e aspectos específicos no contexto real da Penitenciária Masculina de Florianópolis, com relação ao uso da linguagem carcerária.

Além disso, este trabalho envolve a observação participante, onde sugere investimento considerável de esforços no campo, com características envolvendo a preservação de caráter

único específico, mas complexo, em que os pesquisadores recorrem às fontes múltiplas de dados e métodos de coleta diversificados (Prodanov, Freitas, 2013). Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com pessoas de todos os prédios da Penitenciária Masculina de Florianópolis2 , sendo 26 pessoas interlocutoras desta pesquisa, de uma população total de aproximadamente 4.600 pessoas.

Não foi traçado um perfil específico de pessoa para a realização das entrevistas, no entanto, por questões éticas e morais, enquanto mulher e pesquisadora, não foram entrevistados homens que cometeram crimes contra mulheres e crianças, tais como: feminicídio e pedofilia.

Para compreender a perspectiva do uso a partir dos jogos de linguagem de Ludwig Wittgenstein como abordagem teórica, foram analisados todos os 693 parágrafos (§) apresentados no livro “Investigações Filosóficas”, e verificados quais estão atrelados a esta pesquisa, vinculando os dados coletados com as teorias propostas para os jogos de linguagem.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (CEP-UFSC) no dia 30 de março de 2021, parecer: 4.622.383, bem como pelo Comitê de Ética da Secretaria de Administração Prisional do Estado de Santa Catarina, aprovado no dia 23 de novembro de 2020.

Nesta pesquisa foram utilizados aspectos etnográficos, visto que a etnografia necessita de uma imersão maior do que a proporcionada por esta pesquisa. Para a coleta de dados, houve permanência no Complexo Penitenciário de Florianópolis por cinco meses, de setembro de 2021 a fevereiro de 2022, indo de segunda a sexta-feira, de acordo com o horário administrativo da Penitenciária, das 8h às 16h.

Para orientar as entrevistas, foi elaborado um roteiro com cinco perguntas abertas voltadas para a contextualização da linguagem carcerária, em que foram contempladas questões sobre os seus termos, origens, utilização e conceitos. Diante das incertezas que é pesquisar em uma prisão, visto o tempo para que a liberação e a realização da pesquisa acontecessem, assim que a liberação para minha entrada na prisão para a coleta de dados foi dada pelo Superintendente Regional na época, a pesquisa foi colocada em prática, antes mesmo dos estudos aprofundados sobre o referencial teórico.

[2] O complexo é composto por: Interna: a parte mais antiga da Penitenciária de Florianópolis, onde está localizado o Paredão LGBT; UDP; COI; Centro de Observação (COT); Centro de Tratamento e Triagem (CTT); Adaptação (ADA): adaptação, quando a pessoa presa chega na penitenciária para cumprir sua condenação e SEG: segurança máxima. 26 pessoas foram as interlocutoras desta pesquisa.

Para o registro das informações obtidas na etapa da observação, bem como durante as entrevistas, foi utilizado um diário de campo, instrumento de pesquisa para anotações das observações e entrevistas, haja visto que, Biondi (2010) desenvolveu sua pesquisa com o mesmo cunho etnográfico e com a realização de entrevistas em ambientes prisionais afirmam que a utilização de gravadores, muitas vezes, provoca um sentimento de intimidação e um desconforto para o interlocutor.

A partir disso, criou-se um mecanismo de anotações, quais sejam: indicação para qual prédio da Penitenciária Masculina de Florianópolis, em qual ação/situação e quem a pesquisadora deveria acompanhar naquele momento, descrição dos acontecimentos, listagem dos termos envolvendo a linguagem carcerária, como o termo foi coletado, quais foram as perspectivas e sentimentos envolvendo aquela situação.

Ressalta-se que, por uma questão de segurança de todas as pessoas envolvidas na pesquisa, pesquisadora, orientador, interlocutores, funcionários e polícias penais, nenhuma narrativa paralela ao objetivo deste trabalho será mencionada ao longo do texto. As histórias de vida, as informações sigilosas, os procedimentos de segurança, comentários realizados para além da linguagem carcerária ficarão em minhas memórias e anotações pessoais.

4 COMPREENSÃO DOS USOS A PARTIR DOS JOGOS DE LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

Wittgenstein, no §1 remete às citações de Santo Agostinho nas Confissões. Ao longo da escrita, o autor informa que as palavras representam nomes e denominam objetos. No §3, Wittgenstein (1975, p. 14) declara que “Santo Agostinho descreve, podemos dizer, um sistema de comunicação; só que esse sistema não é tudo aquilo que chamamos de linguagem”. Visualizando o sistema prisional, os sistemas de comunicação vão para além da linguagem oral, manifestando-se de diversas formas, como as chamadas libras da cadeia, libras de trás para frente, mudança de sílabas na composição de palavras e mudança das cores para escrita de bilhetes. Esses aspectos já fazem parte dos jogos de linguagem da prisão.

O interlocutor 2, durante a entrevista explica que a libras da cadeia, é literalmente a utilização do alfabeto em libras para comunicação. A libras de trás para frente, envolve a linguagem de sinais anunciando frases gesticuladas de trás para frente, bem como a troca de sílabas para a escrita de mensagens, conforme explicado no diário de campo pelo próprio interlocutor.

Já a interlocutora[3] 23, relata que há alguns anos, uma das formas de comunicação era a mudança de cores para a escrita de bilhetes, portanto, quem recebia bilhete escrito com caneta vermelha, estaria recebendo seu decreto de morte.

Todos os entrevistados desta pesquisa, sem exceção, afirmam que a linguagem carcerária é usada somente dentro dos espaços de privação de liberdade, inclusive, certificam que não utilizam extramuros, para que a condição de egresso do sistema prisional não seja reconhecida.

No §9, o autor apresenta perspectivas sobre o ensino ostensivo novamente. Wittgenstein (1975, p. 17) relata que "também 'ali' e 'isto' são ensinados ostensivamente? — Imagine como se poderia ensinar seu uso! Serão mostrados então lugares e coisas, — mas aqui esse mostrar acontece na verdade também no uso das palavras e não apenas no aprender do uso". Em conversa com o interlocutor 2, percebe-se que a ligação associativa realizada na prisão envolve a representação imagética do objeto a partir da sua ressignificação dentro da prisão, como, por exemplo: alpiste remete a arroz, areia remete a açúcar, vaquinha remete a leite.

Os 26 interlocutores relatam que a linguagem carcerária é utilizada somente na prisão, pelos mais diversos motivos, tais como relata o interlocutor 1, quando afirma que "nunca utilizo essa linguagem em casa, não quero levar essa linguagem para fora da prisão". O interlocutor 2 declara que não utiliza o vocabulário na rua por não se sentir à vontade, ele acredita que é vergonhoso, um retrocesso, acredita ainda que as pessoas vão associar os termos com a vida no crime que ele teve, e vão considerá-lo uma pessoa perigosa.

Os interlocutores 19 e 21 contam que aprenderam a utilização dos termos dentro da cadeia. Por sua vez, a interlocutora 9 ressalta que o uso do vocabulário é feito na prisão, já que se utilizar extramuros, o pessoal não vai entender. Wittgenstein (1975, p. 146) aponta no §508, nitidamente o que a interlocutora 9 menciona em seu relato, que "[...]. Não estou acostumado a medir a temperatura em graus Fahrenheit, por isso, esta indicação de temperatura não me 'diz' nada".

No entanto, o interlocutor 15 certifica que usa a linguagem carcerária na rua por uma questão de hábito, afirma que a convivência na Penitenciária faz com que replique os termos. Me explicou ainda que estava em liberdade e foi à padaria e, inconscientemente, pediu um Marrocos, que na Penitenciária significa pão.

[3] A pesquisa foi desenvolvida na Penitenciária Masculina, que conta com a Ala LGBTQIAP+, diante disso, mulheres trans foram entrevistadas.

Os interlocutores 4, 5, 6, 14, 17 e a interlocutora 8 ressaltaram que a linguagem é utilizada apenas pelas pessoas que estão em privação de liberdade e que os policiais penais não aceitam o uso do vocabulário. O interlocutor 24 complementa informando que se o policial penal escutar a linguagem sendo direcionada a ele, pode aplicar medida disciplinar.

O interlocutor 2 ressalta que a linguagem carcerária foi criada para que a administração dos estabelecimentos prisionais não soubesse quais ações estariam sendo planejadas dentro da prisão. Os interlocutores 5, 7 e 15 mencionam a fluidez da ressignificação dos termos a partir do uso rotineiro, e o interlocutor 6 complementa indicando que a rotatividade das pessoas em outras unidades prisionais do Brasil faz a linguagem carcerária circular, consequentemente aumentando o vocabulário.

O §242 descreve que "para uma compreensão por meio da linguagem, é preciso não apenas um acordo sobre as definições, mas um acordo sobre os juízos" (Wittgenstein, 1975, p. 98). Os juízos são perspectivas relacionadas ao uso dessas palavras remetendo às formas de vida presentes nos estabelecimentos prisionais. Os acordos sobre os juízos estão vinculados à linguagem, seja na utilização, nas formas de comunicação ou na ressignificação das palavras para aquele contexto.

Para ter a compreensão, é preciso conhecer a intenção do uso da palavra. A intenção está imersa nas situações do dia a dia, nos hábitos das pessoas e nas instituições em que fazem parte. Portanto, "[...] se não existisse a técnica de jogar xadrez, eu não poderia ter a intenção de jogar uma partida de xadrez. Desde que tenho antecipadamente a intenção da forma da frase, isto só é possível pelo fato de eu poder falar esta língua" (Wittgenstein, 1975, p. 117).

Wittgenstein (1975, p. 492) reafirma a importância da linguagem e seu uso no §491, "[...] sem linguagem não podemos influenciar outros homens desta ou daquela maneira, não podemos construir estradas e máquinas' etc. [E que] sem o uso da fala e da escrita os homens não se podem entender uns com os outros".

Diante dos aspectos evidenciados nesta seção, é possível admitir que os jogos de linguagem estão presentes no contexto prisional, a partir da significação e ressignificação dos termos utilizados no cotidiano da linguagem carcerária, por meio do ensino ostensivo das pessoas privadas de liberdade e com o intuito de omitir informações relacionadas às atividades da administração prisional e, por uma questão de sobrevivência.

Geralmente, a rotatividade no sistema prisional é vasta, as pessoas que estão em privação de liberdade são transferidas constantemente, tendo contato com outras pessoas e

regiões. Com isso, os vocabulários vão sendo ampliados e têm mais de um conceito dependendo da situação utilizada ou região. Os códigos são modificados de acordo com a necessidade ou descoberta dos seus significados.

Percebe-se, portanto, que a dinâmica do uso dos termos na linguagem carcerária se aproxima dos jogos de linguagem propostos por Ludwig Wittgenstein. Para contextualizar o uso dos termos e evidenciar os jogos de linguagem presentes nos estabelecimentos prisionais, a partir da linguagem carcerária, foram elencados 43 termos como marcadores de registro desta pesquisa. Essas palavras foram retiradas de todas as 26 entrevistas realizadas e das observações in loco com o intuito de descrever as relações de uso que observei e vivenciei enquanto pesquisadora nos espaços de privação de liberdade, além de apontar os significados ou ressignificados dessas palavras.

Para contextualizar os marcadores de registro destaco meu primeiro dia desenvolvendo a pesquisa na Penitenciária Masculina de Florianópolis. Quando cheguei à Penitenciária, minha entrada já estava liberada na guarita da Unidade. A primeira parada foi na sala do responsável pela educação, promoção social e saúde, que me levou à sala de atendimento da Interna, onde o enfermeiro I estava realizando os atendimentos. Ao passar pelo corredor, antes de chegar à sala, o responsável pela educação olhou para uma pessoa privada de liberdade que estava no corredor, virado de frente para a passagem, e fez um gesto para que ele virasse de costas para mim quando estávamos passando. Foi a primeira vez que estive presente naquele local, cheguei no meio do atendimento, então, o responsável pela educação começou a explicar para o enfermeiro I o motivo da minha presença e disse que a partir daquele dia eu estaria desenvolvendo a pesquisa na Penitenciária.

Uma cadeira já me esperava, ao lado do enfermeiro I. Sentei-me, abri meu caderno e comecei a anotar os termos da linguagem carcerária proferidos durante o atendimento. O enfermeiro, ao perceber minhas anotações, perguntava à pessoa em atendimento o significado de cada um dos termos que ele não compreendia. Naquele momento, ao descrever as situações da cela para que o enfermeiro compreendesse sua situação, a pessoa utilizava os termos sem perceber.

O paciente informou que o colchão da sua jega estava fino demais e a friagem do concreto estava passando para ele e por isso não parava de espirrar. Além disso, explicou que estava com dor no estômago. Com essa informação, o enfermeiro perguntou como estava sua alimentação e o paciente afirmou que no café da manhã comeu um marrocos com graxa.

Aprendi nesse dia que na linguagem carcerária jega significa cama, marrocos remete a pão e graxa à margarina.

Também, compreendi que a palavra verdade na prisão é o mesmo que “sim”, ou seja, para qualquer pergunta que a resposta fosse afirmativa o termo utilizado seria verdade. Então quando o enfermeiro perguntava: “Você está com dor de cabeça?”, a pessoa presa respondia: verdade.

Paralelamente ao atendimento prestado, as pessoas privadas de liberdade que tinham a oportunidade de se fazerem presentes no atendimento de saúde, visto que as vagas eram limitadas, apresentavam os memorandos com os mais diversos pedidos dos seus colegas de cela. Os pedidos giravam em torno de medicamentos, solicitação de exames, vaga para dentista, ligação da assistente social para a família.

Tive a oportunidade de ler alguns memorandos, e percebi a diversidade de gênero na escrita e o quanto a escrita estava voltada para a sensibilização das pessoas que recebiam esses papéis. Trechos como: “positivo da vossa pessoa”, “Deus é fiel”, “com todo o respeito”, “venho humildemente solicitar”, eram recorrentes nas solicitações.

Nesse dia compreendi que os termos da linguagem carcerária não eram utilizados em todos os momentos e com qualquer pessoa, visto a repreensão manifestada pelos policias penais às pessoas em privação de liberdade quando os termos eram dirigidos nas conversas entre essas duas pessoas, com ameaças de aplicação de medida disciplinar caso a linguagem fosse novamente utilizada. Raramente utilizava-se desta linguagem com o policial penal, visto a recusa da compreensão e o não aceite da dita “linguagem de vagabundo”, como alguns mencionaram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da busca pela compreensão a respeito da maneira com que a linguagem carcerária orienta as dinâmicas de sociabilidade dentro da Penitenciária Masculina de Florianópolis, esta pesquisa foi realizada e os dados coletados e analisados a partir do próprio cotidiano da prisão.

Os interlocutores que fizeram parte deste estudo ressaltaram o distanciamento da utilização da linguagem carcerária fora da prisão, seja para esquecer as vivências intramuros, seja por vergonha, seja por vincularem a linguagem carcerária ao mundo do crime.

Os termos da linguagem carcerária são compreendidos por meio do seu uso coletivo no cotidiano da prisão e das formas de vida ali compartilhadas. Ademais a linguagem carcerária é utilizada em diferentes meios de comunicação, seja por libras da cadeia, libras de trás para frente, troca de sílabas ou palavras faladas de trás para frente.

Jogar com as palavras e com as regras de seus usos, aprender e ensinar seus usos nos diversos contextos, é criar representações de mundos possíveis e reais. É viver mundos possíveis. A representação e a organização do conhecimento realizadas pelos jogos da linguagem carcerária têm a legitimidade verificada pela prática da própria comunidade carcerária. Trata-se, por fim, de uma representação do conhecimento carcerário.

Os resultados desta pesquisa oferecem subsídios para questões relacionadas à autoridade semântica, garantia cultural e representação de comunidades marginalizadas. No que concerne a autoridade semântica, a linguagem carcerária apresentada nessa pesquisa é criada para omitir ações e pensamentos da população carcerária, sendo seu uso imposto por questões diárias e de sobrevivência dentro de um ambiente hostil.

Diante disso, revela-se que a autoridade sobre o sentido das palavras é constantemente negociada e resguardada pelo próprio grupo, a ponto de um mesmo objeto ser nomeado de formas distintas e diferentes.

Já a garantia cultural é percebida nas categorias elencadas ao longo da coleta de dados, sendo derivadas das observações *in loco* e não de um sistema de organização do conhecimento, reconhecendo o rompimento dos padrões habituais de pesquisas publicadas nesta área. Os termos e categorias apresentados nesta pesquisa representam a vivência e a fala da própria comunidade carcerária.

No que diz respeito à representação de comunidades marginalizadas, esta pesquisa representa adequadamente o conhecimento desse grupo exigindo assim o reconhecimento desse conhecimento, e, consequentemente, admitindo a coexistência de múltiplos sistemas de significação dentro de um mesmo grupo social, evitando trata-lo como um bloco linguístico e cultural homogêneo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Sistema penitenciário no Brasil: problemas e desafios. **Revista USP**, São Paulo, p. 65-78, mar. 1991. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25549/27294. Acesso em: 8 jun. 2021.

BARITÉ, Mario. Organizacion del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en bibliotecologia y documentacion. *In*: CARRARA, Kester. (org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: UNESP publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/139. Acesso em: 8 jun. 2021.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010. 248 p.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/809. Acesso em: 15 Jun. 2021

COSTA, Amabile; SALES, Rodrigo de. Jogos de linguagem na prisão: representação do conhecimento e linguagem carcerária. **Transinformação**, Campinas, v. 36, e2410619, p. 1-14, dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/10619. Acesso em: 26 dez. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 2015. 160 p.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Metodologia da pesquisa no campo da ciência da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, P. 1–14, jan. 2000. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46566/35700. Acesso em: 15 nov. 2024

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 1–6, jan. 1993. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/479/479. Acesso em: 10 dez. 2024.

GRACIOSO, Luciana de Souza. **Filosofia da linguagem e ciência da informação**: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais. 2008. 175 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, IBICT-UFF, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://app.uff.br/riuff/handle/1/24590. Acesso em: 5 jun. 2024.

GRAYLING, Anthony Clifford. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2018. 254 p.

MELO, Fabio José Dantas de. Categorização linguística como esteio da organização do conhecimento. *In:* ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (org.). **Passeios no bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento –

EROIC. Brasília: IBICT, 2010. p. 177-182. Edição eletrônica. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/189812. Acesso em: 25 maio 2024.

MOREIRA, Walter. **Sistemas de organização do conhecimento**: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos. 2018. 164 f. Tese (Livre-Docente em Sistemas de Organização do Conhecimento) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/190878. Acesso em: 25 maio 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. disponível em: https://www.feevale.br/comum/midias/0163c988-1f5d496f-b118-a6e009a7a2f9/e-book%20metodologia%20do%20trabalho%20cientifico.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara de. **A linguagem no cotidiano prisional**: enigmas e significados. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 272 p.

SALES, Rodrigo de; MURGUIA, Eduardo Ismael. Instaurações discursivas da organização do conhecimento: H. E. Bliss e a International Society for Knowledge Organization (Isko). **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 44, n. 3, p. 396–415, set. 2015. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1949. Acesso em: 10 out. 2024.

SALES, Rodrigo de. Para uma organização do conhecimento contemporânea: contribuições de Foucault, Agamben, Deleuze e Guattari. *In*: Sales, Rodrigo de; Amorim, Igor Soares. **Ensaios em Organização do Conhecimento.** Florianópolis: Editora Udesc, 2021. P. 13–42. Disponível em: https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000084/000084d4.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. 226 p.

AGRADECIMENTOS OU FINANCIAMENTO

Agradecemos a Agência de Fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.